

MÚSICA BRASILEIRA, por Mário de Andrade¹ (continuação)

Mas cantavam sempre de improviso e sistematicamente em conjunto, geralmente dueto. Improvisaram tudo: texto e música. Um fulano puxava a moda e bancava o improvisador. Pois o companheiro acompanhava cantando não só a melodia nova como, o que me parece difícilimo, adivinhando o texto do outro e o cantando simultaneamente. Mesmo que a gente reconheça que o texto e música populares obedecem a uns tantos lugares comuns de dicção e melódica, cantar assim é difícilimo e nenhum de nós não é capaz de fazê-lo.

E nas manifestações festivas de canto coletivo que possuímos, refrões de cantos orquêstricos como a catira e o maxixe, ou de danças dramáticas que nem os pastoris, congos, bois, o conceito coral se conserva absolutamente embrionário. É um uníssono perpétuo que quando muito se disfarça no paralelismo de *gemellum* pré-histórico. Me informou uma moça perfeitamente musical e digna de crédito que em Belém do Pará tem um coro de taifeiros negros, gente facinorosa que tempo chegado sai na rua dançando o Boi-Bumbá, cantando em legítimo coro a quatro partes. Infelizmente não pude estudar isso por mim...

Ora diante dessa deficiência de música coral entre nós, a tentativa deste Orfeão parece uma manobra meramente idealista. E de fato as tentativas de organizações corais brasileiras no geral têm fracassado mesmo nas cidades grandes. Em S. Paulo possuímos agora dois corais. Um é alemão outro russo. Porém o idealismo do coral piracicabano é dos mais louváveis. Procurando tradicionalizar no Brasil uma forma de arte esporádica e ainda pouco nacional mas cujo valor humano e étnico é muito grande, o Orfeão está num trabalho utilíssimo e os piracicabanos devem fazer até sacrifícios pra sustentá-lo.

Mas teve de buscar outros motivos no canto individualista e lhes dar forma coral. No canto individualista e brasileiro é de força. Não vale a pena enumerar todas as formas e nomes que esse canto tomou no Brasil. No geral são importados que nem a chimarrita açorina, o fandango espanhol, o tango-espanhol, o samba africano, o cateretê ameríndio, o fado, a roda, o reisado, o acalanto portugueses. Isso não diminui nosso valor musical não. Até o aumenta porque a tudo isso conseguimos deformar, adaptar,

¹ Série de quatro artigos publicados por Mário de Andrade no jornal natalense *A República*, no ano de 1928. No estabelecimento de texto para esta edição a ortografia foi atualizada, no entanto, mantém-se a pontuação da publicação original. Todas as notas foram elaboradas pelo editor da revista *Imburana*. Os quatro artigos estão contidos parcialmente no texto “Música brasileira (Palestra, com coros pelo Orpheon Piracicabano, recitada na Cultura Artística de Piracicaba)” - *Diário Nacional*, São Paulo, 28 jun. 1928.

recriar, transformar em manifestações novas, de boniteza magnífica e inconfundivelmente nacional. Me parece mesmo que apesar dum século de independência, é só na musica que conseguimos enriquecer o patrimônio humano com uma manifestação brasileira inconfundivelmente original. Nem na língua o conseguimos ainda, apesar do esforço que o nosso elemento popular tem empregado nisso, porque no geral temos uma covardia guaçu diante duma gramatiquinha de Lisboa... Música é menos intelectual e sobretudo menos sabida que a língua que a gente finge aprender na escola.

Muitas vezes um fulano canta e jura que vai cantando coisa do Brasil, em vez, o canto dele está recheado de temas de França e Hespanha, a melodia tem frases inteiras de Portugal, da Itália e de cabaré internacional, o ritmo está se desmanchando em movimentos que vieram de Cuba e New York e garra gingando polifonia de Jazz. Não constato isto com tristura não. Falo só contemplativamente. Porque afinal das contas esses elementos chegam aparentemente desnacionalizantes, mas vão se transformando pouco a pouco porém, e quando senão quando só mesmo o observador técnico é que desentoca do Surupango da Vingança uma roda francesa, no maxixe uma suspeita de habanera e na Ciranda amazônica um suspiro da Escandinávia.

Talvez um estudo profundo possa catalogar nossas cantigas de maneiras diversas. Uma distinção geográfica, por ex. era bem possível. Também a canção praciana se distingue da roceira bem.

A canção da cidade é menos característica e muitas feitas, por causa do internacionalismo fatal dos meios urbanos, amolece os valores nacionais. Também embora se popularize com frequência, anda impressa e o autor é conhecido.

Os lundus e modinhas às vezes transbordam da cidade pra roça. Porém são especializadamente urbanos. Possuem um sentimentalismo choramingas, uma sensualidade molengas, uma comicidade exterior que no geral o caboclo não sabe ter.

Caboclo quando chora, chora mesmo, não sabe choramingar pingadinho. E quando gosta duma morena gosta até a ponta da faca. Na cidade tudo bambeia. O cultivo da dor é maior porque a dor de verdade acha derivativos fáceis. Vem daí esse platonismo panema da modinha praciana. Platonismo que até na melodia aparece transposto na dolência da vulgaridade.

Passemos pra roça. Infelizmente as duas toadas sertanejas que o Orfeão pode nos dar são de autores conhecidos. E aqui me acho no dever de aconselhar o Orfeão a que procure melodias de deveres populares, isto é, anônimas. Aqui em Piracicaba

mesmo e nos bairros do arredor de certo que será fácil colher da boca do povo e dos cantadores muita coisa valiosa. O Orfeão já possui valor artístico provado. Mas pode ainda adquirir valores técnicos e nacionais e enormes se principiar colhendo e registando elementos musicais populares. Isso tem importância vasta principalmente nos tempos de agora em que a gente nota no Brasil todo um esforço comovente e lógico pra se abasileirar. O papel que o Orfeão represente nesse esforço pode se tornar inestimável.

No canto roceiro a toada corresponde à modinha.

Nosso tesouro de cantigas andou perdido por aí sem que ninguém o registrasse nem os compositores se amolassem com ele. Mas retomando aquela orientação romântica, perdida depois, que acomodava os artistas brasileiros com a realidade do Brasil; retomando aquela afinidade nacional com que os nossos maiores poetas eram também modinheiros de marca maior; retomando aquele unanimismo com que os versos de Castro Alves, Álvares de Azevedo, Varela, Gonçalves Dias, andavam na boca dos serenatistas e das cantadeiras de salão: as gerações de agora estão aproveitando em música e poesia, em cerâmica e pintura, os elementos de forma e fundo que a nossa terra mesmo dá pra nós. Os poetas versificam acalantos, maracatus, cocos, modas, os músicos se orgulham num trio refinado pra instrumentos aristocráticos que nem violino, violoncelo e piano, as notas rebatidas em arabescos pendendo cadências que o sertanejo inventou lá pras bandas limítrofes de Cuiabá.

A República, Natal-RN, 08 ago. 1928, p. 01